

## cotidiano

# Novo livro busca origem da violência humana

'Homo Ferox' encontra na biologia evolutiva, psicologia e cultura explicações para a brutalidade da nossa espécie

Edison Veiga

**BLED (ESLOVÊNIA)** Não dá para fugir do fato: o ser humano é um bicho que mata. Não só outros animais, justificado pela necessidade básica da alimentação. Ele mata outros seres humanos. Desde sempre. Por muitas razões.

Porque disputa a mesma parceira sexual, porque quer dominar o mesmo território, porque simplesmente não suporta o comportamento diferente do outro.

Mas há um marco fundador dessa violência? Acharos arqueológicos apontam para 10 mil anos atrás, são margens do lago Turkana, entre os atuais Quênia e Etiópia.

Ali foram encontrados restos mortais em posições indicadoras de uma atrocidade que resultou em pelo menos dez mortes, inclusive a de uma mulher grávida. Evidências mostram que as vítimas foram amarradas antes de executadas, com uma arma feita com obsidiana, um vidro vulcânico.

Para o jornalista Reinaldo José Lopes, que se debruçou nos últimos três anos sobre o tema da crueldade perpetrada pelo Homo sapiens para escrever o recém-lançado "Homo Ferox: As Origens da Violência Humana e o que Fazer para Derrotá-la" (editora HarperCollins), essa fotografia preservada pela natureza retrata algo que sempre ocorreu, desde o advento da espécie.

Com variações cronológi-

cas, é verdade. "Houve um crescimento da violência ao longo do tempo, com um 'meio do caminho' muito violento. Mas uma queda vertiginosa a partir da organização dos Estados", explica ele, que é colunista da Folha.

Se entre os primeiros grupos de humanos, os tais caçadores-coletores, os homicídios não eram tão recorrentes, a partir do ponto em que a agricultura foi dominada e as pessoas assumiram a posse de territórios, essas disputas começaram a aumentar.

Pois então passou a haver por que brigar, afinal. Terra, poder, controle social. As primeiras civilizações foram criadas, e o efeito colateral foi o aumento exponencial da violência.

No livro, Lopes mergulha em explicações biológicas, psicológicas, históricas e culturais para traçar esse panorama. "Não é muito certo pensar em termos evolutivos lineares. O grande tema é esse paradoxo em vários níveis", comenta ele.

Afinal, se a criação do Estado moderno, com suas instituições e as relações normalizadas entre pessoas e países, funciona como um anteparo social que, em tese, deve zelar para que crimes não aconteçam, é também essa estrutura toda que permite a ocorrência de guerras cada vez mais letais — e nem precisamos pensar nas possibilidades de armamentos deste milênio, já que carnificinas históricas foram vistas

das conquistas napoleônicas às duas grandes guerras mundiais do século 20.

Porém, tratando esses momentos bélicos como exceção, a sociedade contemporânea tende a ser menos violenta — fruto dessa invenção cultural que é a própria civilização, com seus instrumentos jurídicos e princípios éticos e morais.

No dia a dia, a maior parte das mortes é resultado das chamadas desinteligências, como qualquer policial do departamento de homicídios de uma grande cidade está cansado de saber. São os brigos por causa de futebol ou mesmo porque um está querendo a mulher do outro.

Sim, na maior parte, são desavenças masculinas. No livro, Lopes explica bem que isso é reflexo do que se chama de má adaptação, uma característica evolutiva que acaba tendo efeitos nocivos no cotidiano.

Antigamente o Homo sapiens disputava para perpetuar seus genes. E, biologicamente, o homem tem a capacidade de gerar muito mais descendentes do que a mulher. Então essas disputas pela procriação ocorriam com frequência — era um tempo em que ninguém pensava em perguntar para a donzela se ela queria ser rifada entre dois agressivos competidores.

"Eu costumo dizer que o problema do mundo é o homem, e isso é das coisas mais centrais", afirma o jornalista.

"A gente evoluiu para essa competição entre membros

do sexo masculino, por prestígio, por posição, por bens e, em última instância, uma disputa por acesso sexual. Isso moldou a psicologia humana da violência".

Contudo, conforme Lopes enfatiza, isso hoje "é uma mentira". A monogamia está instituída por sistemas legais, há métodos anticoncepcionais, ninguém quer estar disputando quem vai ter a maior prole.

"Um homem com mais filhos hoje não vai ter mais poder político. Se bem que, no caso do Bolsonaro, a gente fica um pouco em dúvida", comenta Lopes.

"Mas os incentivos psicológicos, hormonais e biológicos que foram instalados no nosso 'software' para seguir esse caminho ainda estão lá. E a má

adaptação que se instaurou e essas coisas continuam acontecendo", reflete.

Outro aspecto residual é o chamado tribalismo, tendência de nos unirmos em grupos com semelhantes. Como a sociedade abarca esses diversos grupos, os ingredientes para conflitos estão à mesa.

Essa divisão entre nós e eles já foi útil em um passado remoto. Questão de sobrevivência. Hoje, porém, só serve como pólvora para briga no almoço de domingo — e alimenta impetos de chegar às vias de fato.

"Quando não havia arbitragem estatal eficaz para conflitos, isso era preciso de alguma maneira. Hoje há mecanismos muito mais eficazes do que partir para a justiça com as próprias mãos, mas o instituto continua lá [no cérebro] e, para domar esse negócio é preciso muito esforço, educação, sistemas políticos e de Estado funcionando", argumenta.

É por isso que, como já comprovado por diversos estudos científicos comparativos entre sociedades com legislação mais ou menos permissiva, a liberação de armas não é uma boa ideia.

"As desinteligências são a principal causa de violência letal e isso é um dos motivos pelos quais a ideia de armar a população é uma idiotice total completa", afirma Lopes.

Em termos estatísticos, prossegue o autor, se não é possível alterar a programação que faz do ser humano al-

guém propenso a cometer certas imbecilidades, o melhor é diminuir o acesso a ferramentas que o ajudem nisso.

"Há uma constante. Mas podemos girar o botão de intensidade dela de maneiras significativas, dependendo de como a sociedade está funcionando naquele momento", explica.

A boa notícia é que, "Homo Ferox" demonstra, o mundo está menos violento hoje.

Uma explicação é econômica. Antigamente as guerras valiam mais a pena: a organização financeira do planeta garantia mais poder a quem detivesse o controle de regiões onde ouro fosse extraído, por exemplo.

"Confrontos militares significavam mais recursos, mais escravos, mais riquezas. Eram guerras produtivas", descreve. "Valia a pena do ponto de vista econômico fazer guerra".

Hoje a conta parece não fechar. E talvez não seja à toa que o presidente americano Joe Biden tenha retirado suas tropas do Afeganistão e declarado que não pretende meter o bedelho na questão dos talibãs.

"Consegue-se com muito menos dor de cabeça se tornar uma potência criando um Vale do Silício em seus países do que ocupando territórios novos, extraindo o monopólio de ouro ou de ferro", compara.

"Pela maneira como a economia mundial está estruturada hoje, o fator do bolso é o mais alentador, o longo prazo. Dá uma esperança".



**Homo Ferox: As Origens da Violência Humana e o que Fazer para Derrotá-la**

Reinaldo José Lopes, editora HarperCollins (320 págs.), R\$ 46,60 e R\$ 34,90 (ebook)

## Imóveis privados ocupam 43% dos quilombos em reduto de Bolsonaro

Isabella Menon

**SÃO PAULO** Um levantamento inédito apontou que quase 400 propriedades privadas no Vale do Ribeira, no sul do estado de São Paulo, estão registradas em áreas pertencentes a comunidades quilombolas. O estudo, feito pelo ISA (Instituto Socioambiental) em parceria com o Conaq (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), mapeou os registros de CAR (Cadastro Ambiental Rural) da região e mostrou que ao menos 393 imóveis privados incluem como sua propriedade parte de 29 comunidades quilombolas no Vale do Ribeira.

O documento diz que quase metade das áreas dos quilombolas (43%) registram sobreposições com imóveis privados. Desde 2012, quando o Cód-

igo Florestal foi alterado, o CAR passou a ser obrigatório para todos os imóveis rurais do país e, apenas com ele, o proprietário tem acesso aos benefícios previstos no código, como financiamento de crédito e guia de trânsito animal.

No estado de SP, a inscrição dos territórios quilombolas no CAR é de atribuição do Itesp (Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo). "Com a pressão dos ruralistas, foi alterada a legislação para atender o interesse deles e não o da população geral. Os quilombolas não vivem naquela porção de terras como um fazendeiro, eles usam as terras de forma coletiva", diz o advogado do ISA Fernando Prioste.

Existe um módulo de CAR federal exclusivo para a inscrição de comunidades tradicionais, mas ele não foi adotado no estado, segundo Rodri-

go Marinho, morador da comunidade de Ivaporunduva e articulador da Eacone (Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras).

Segundo Prioste, a sobreposição de registros privados com áreas quilombolas gera problemas fundiários e ambientais.

O Vale do Ribeira tem histórico de conflitos agrários. É na região que fica a cidade de Eldorado, na qual o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) passou a maior parte da infância e da juventude.

O Itesp reconheceu que existem terras particulares sobrepostas a terras quilombolas, mas afirmou que a competência para a regularização fundiária é da União. O Incra afirma que não recebeu pedido para atuar na questão de sobreposição de áreas de imóveis privados com áreas quilombolas.



Fernando, Ezequiel e Joel Gonçalves colhem mandioca no quilombo Cangume. Manoela Meyer/ISA

## MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

### Padre e nigeriano, amava o sacerdócio e o Flamengo

**GODWIN NNAEMEKA UCHEGO (1970-2021)**

Patrícia Pasquini

**SÃO PAULO** O amor do padre Godwin pelo Flamengo tinha potencial para causar inveja a qualquer carioca torcedor do time, segundo o amigo Wemerson de Araújo Fonseca, ex-padre da diocese de Uruaçu (GO).

Godwin nasceu na Nigéria, filho de Godwin e de Sarah Uchego.

Ele e Wemerson se conheceram em 1998, no mosteiro de Santa Cruz, em Anápolis (GO). Os dois cursaram algumas disciplinas da faculdade de filosofia juntos e, depois, se encontraram na Arquidiocese de Brasília, período no

qual foram colegas no curso de teologia.

"Eu deixei o sacerdócio, mas o padre Godwin sempre foi muito amigo e acolhedor e nunca fez diferença da minha escolha", conta Wemerson.

Era fácil identificar Godwin. Alegre, de sorriso alto e contagiante, nas cerimônias festivas e fora dos compromissos da igreja vestia-se com roupas africanas coloridas e extravagantes. "De fé inabalável, ele amou o sacerdócio, a religião e Jesus Cristo", afirma o amigo.

Godwin foi ordenado em dezembro de 2004, na Arquidiocese de Brasília. Foi padre

nas paróquias São Judas Tadeu, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida. Atualmente, era vigário na Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Maria.

Ele também dirigiu a Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília, onde lecionou e coordenou a pós-graduação, e ainda presidiu a Aesta (Associação de Estudos Superiores São Tomás Aquino).

Última missa que celebrou foi no Dia dos Pais e logo depois adoeceu. O sacerdote estava internado desde agosto no Hospital Daher para tratamento contra Covid-19 e problemas renais — quando jovem, ele foi submetido a um transplante de rim, que foi doado pelo irmão e Covid-19.

Godwin morreu dia 6 de Setembro, aos 51 anos, durante uma cirurgia cardiovascular, de acordo com a Arquidiocese de Brasília.

7º DIA

**EGLE MARIA DE LOURDES MASCHIETTO** Nesta segunda (13/9) às 12h30, Paróquia São Pedro e São Paulo, Cidade Jardim (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3214-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 11h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (1ª de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3214-3305 das 10h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Os filhos Mario Luiz, Maria Flavia, Luiz Fernando e Ernesto, nora Graça, genro Richard, netos e bisnetos sentem comunicar o falecimento de



**Myrna Norma Rocco**

O velório será no Cemitério Gethsémani às 11:00 hrs do dia 13/09/21.

A missa de sétimo dia será na igreja São José dia 17/09/21 às 11:00 hrs.



**Fernando Penteadio Cardoso**

agradece as manifestações de pesar.

Seus filhos Fernando, Francisco, Rita, Mada, Eduardo e Teli, genro, noras, seus 20 netos e 42 bisnetos convidam para a missa de 7º dia a ser celebrada no dia 14 de Setembro (terça-feira), às 11h00, na Paróquia São José (rua Dinamarca, 32).

A missa será transmitida pelo canal online <https://www.youtube.com/c/ParoquiaSaoJoseJardimEuropa>